

cadernos Julianos

nº10-2014



Artigos

Verruga no Nariz:
Desconstrução
da Malignidade

Ao Encontro do
Corpo Criativo

Re-vido a
Presença
da Psicologia
na Escola

Psicopatologia
da Síndrome de
Dependência
de Drogas

O Rio Secreto
que Purifica os
Homens

Uma Reflexão
sobre o Filme
La Teta Asustada

Afrodite Porneia
no Temp(l)o
Digital

Sobrevoando
a Cabeça
da Medusa

Esboço para
uma Alquimia
do Açúcar

Resenhas

Valente,
(EUA, 2012)
Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman
Denise Maia *

Em um reino distante - Dunboch - governado pelos rei Fergus e rainha Elinor, viviam seus filhos trigêmeos e a filha, tão rebelde quanto seus cabelos ruivos. Como herdeira do trono, era preparada pela mãe para se tornar uma princesa, embora achasse entediante esta tarefa. Merida gostava de cavalgar pela floresta, escalar cachoeiras, treinar luta de espadas com o pai e praticar sua grande paixão: arco e flecha. A menina guerreira desde cedo, parecia buscar o seu próprio caminho, cujo alvo não era seguir a tradição. “A criança tem, por vezes, dificuldades em ouvir a sua própria voz porque passou a maior parte da sua vida ouvindo as opiniões do pai, da mãe ou do coletivo familiar. Somente quando os pais estão conectados com os seus próprios sentimentos e anseios é que vão ouvir e serem empáticos às necessidades dos filhos. Existe no ser humano uma tendência natural e espontânea que o conduz à sua essência, cujo chamado interno e individual o diferencia dos padrões coletivos. Cabe a cada um buscar o que lhe é singular e o caminho para chegar a este destino”.

A princesa cresceu e uma noite, durante o jantar, sua mãe revelou que os clãs vizinhos haviam sido convidados para apresentar seus filhos como pretendentes à mão de Merida. Haveria um torneio e aquele que se sagrasse vencedor seria seu marido.

Merida não se identificava com o papel esperado para ela pois embora não soubesse o que desejava para o futuro, queria ter a liberdade de optar. Considerava injusto ter de se casar com alguém que ela nem conhecia, pois seu dilema não era a procura do amor, mas sim de seu próprio destino.

Os preparativos continuavam e Merida contrariada tinha aceitado a situação já que não havia nada que pudesse fazer. Chegou o grande dia do torneio e a modalidade a ser escolhida, poderia, ser a partir daquele momento, definida por ela. Esta situação animou-a e sem hesitar escolheu o arco e flecha. Ela tinha um plano: como primogênita do clã anunciou que competiria pela própria mão, já que era uma exímia arqueira e sabia que certamente iria ganhar. E assim aconteceu, um a um, cada pretendente ia sendo vencido. Lembrando antigas deusas gregas cujos padrões arquetípicos observa-se na psique da mulher moderna, temos referências de duas figuras mitológicas:

Ártemis, grande deusa lunar, virgem, indomável e de temperamento independente, conhecida por gostar e participar de atividades masculinas e aventuras, sobressaindo-se aos homens. Espírito que leva a mulher a procurar seus próprios objetivos existenciais sem necessitar de um parceiro masculino para se sentir completa.

Atalanta, a guerreira servidora de Ártemis que no momento de se casar decide que apenas se entregará ao homem que a vencer numa gincana, cujos desafios jamais seriam superados por nenhum pretendente dada a sua invencível habilidade.

Merida, cuja estória reflete este mesmo padrão arquetípico, tornou-se indignada com a mãe e esta enfurecida e envergonhada com a atitude da filha.

Cansada com os conselhos e exigências maternas que queria torná-la à sua imagem, rasga com a sua espada a tapeçaria feita pela mãe com o desenho de cada membro da família. Assim, retira a mãe da imagem, e num ato de raiva grita que a rainha é um monstro e que não quer jamais ser como ela. Em contrapartida seu arco e flecha são jogados pela mãe enfurecida, dentro da lareira.

Merida sai velozmente do castelo com seu cavalo rumo à floresta, embora sua mãe tenha se arrependido tardiamente. Ao chegar ao local, ela vê uma clareira e no meio dela um templo de cujo centro vem uma brilhante luz. Esta era a mesma luz mágica que vira quando criança. A sua luz que parecia convidá-la a seguir e a buscar o que desejava, pois ela ansiava por algo que mudasse seu destino.

Numa pequena cabana que encontrou entre as árvores havia uma feiticeira a quem pediu uma poção que pudesse mudar sua mãe e sua vida. Ao sair, a princesa leva com ela um bolo feito com ingredientes estranhos e que deveria ser entregue à rainha.

De volta ao castelo, além dos pretendentes que aguardavam com impaciência a decisão sobre o casamento, havia a mãe, preocupada com o retorno da filha. Como uma oferta de paz, Merida entregou-lhe o bolo desejando que o feitiço funcionasse e ela mudasse de idéia. Mas, ao comer uma fatia do bolo, a rainha começa a passar mal, e mesmo ajudada por Merida, se transformou num urso.

Como animal, o urso tem um temperamento forte e fica furioso quando tem seus desejos frustrados.

Representa o mundo pulsional feminino e um aspecto do instinto materno que seduz e aprisiona. O urso para o pai era um inimigo que deveria ser combatido em todo reino, pois há muito tempo atrás ele havia sido atacado e mutilado numa luta com este animal. A partir deste novo episódio vão acontecendo outros fatos importantes que levam Merida a cuidar da mãe, por cuja vida teme. Este é o primeiro momento de conversa e união entre elas, e juntas resolvem lutar e vencer o feitiço. É na pele de urso que a rainha compreende sua filha e esta se compadece de sua mãe, acontecendo um encontro entre as duas.

Mãe e filha vão para a floresta e encontram a mesma luz e a mesma cabana que Merida vira anteriormente. Não havia mais a feiticeira, apenas seu rosto, avisando a princesa de que ao segundo nascer do sol o feitiço se tornaria permanente e eterno, caso ela não se lembrasse das seguintes palavras: “Sina alterada, olhe sua alma, remende a união por orgulho separada”.

Seguindo a luz, mãe e filha foram levadas às ruínas de um castelo onde aparece um enorme e feroz urso de quem a mãe consegue ainda como animal, proteger a filha.

De volta ao castelo, precisavam voltar ao quarto com a tapeçaria, pois para Merida, a explicação do enigma seria “remendar a união por orgulho separada”. Para isto, deveriam passar pelo aposento no qual estavam ainda os três pretendentes, aguardando o resultado final da disputa.

Neste momento, quando Merida decide contar a todos sua decisão pelo casamento, é surpreendida pela atitude de sua mãe que lhe apoia a quebrar a tradição e se sentir livre para seguir seu coração e encontrar o amor no tempo certo.

Com a aprovação de todos, chegam ao desejado aposento, ao mesmo tempo em que o rei entra e vê a mãe ainda como urso, imaginando que sua filha estivesse sendo ameaçada.

A tapeçaria é levada para a floresta e costurada por Merida, antes do sol nascer e no retorno ela ainda encontra a mãe amarrada e pronta para ser morta pelo pai, embora estivesse disposta a fazer de tudo para protegê-la. Rapidamente surge ainda uma ameaça, um outro urso gigante, que investe contra Merida. A rainha novamente luta com o urso, defendendo a filha e vencendo-o, embora tenha ficado muito enfraquecida. Merida sensibilizada com a atitude da mãe e com muito receio de perdê-la declara seu amor e pede para ser perdoada.

Este gesto, movido pelos sentimentos mais profundos de compaixão e dor, quebrou o feitiço e nos primeiros raios de sol da manhã, mãe e filha abraçadas, veem a rainha voltar à sua forma original. Embora a relação mãe e filha seja primordial e base para a construção da identidade do ego feminino, além da intimidade e aconchego, a filha precisa de permissão e de apoio para se diferenciar de sua mãe. A possibilidade de se realizar por si, de seguir seu próprio caminho vivendo erros e acertos se legitima quando há o reconhecimento materno.

Este relacionamento primário tão importante, precisa espelhar e fortalecer a autonomia, a segurança e o orgulho de ser mulher, estimulando e valorizando a pessoa que a filha vai se tornando.

Somente no momento em que mãe e filha se aproximaram e na empatia se encontraram amorosamente, é que Merida pode decidir buscar o que acreditava. Voltou a se instalar a paz e a felicidade no reino e a princesa descobriu que ela poderia se tornar rainha sem deixar de ser ela mesma.

Hoje, nosso imaginário psíquico inclui um outro perfil de feminino – Mulan, Pocahontas, Merida, mulheres que lutam, buscam e encontram sua vocação.

Não será este o caminho e a tarefa da mulher contemporânea?

Transitar pelo mundo masculino assumindo outros papéis não é negar os valores femininos, embora num primeiro momento tenha sido necessário desenvolver atributos, entendidos como aspectos masculinos.

Mas isto não é suficiente, pois somente quando a natureza feminina for incluída recuperando seus valores é que a mulher se reencontra com sua essência e passa a ser senhora de sua própria vida, restabelecendo um senso equilibrado de si mesma.

A perda das qualidades e da energia feminina está presente na psique e aflige a vida emocional tanto de homens como de mulheres.

E no reino de Dunboch a princesa Merida, após uma grande aventura, descobre que o seu destino vive dentro dela e que é só lutando, acreditando e não abrindo mão de todas as suas partes, que ela será ela mesma. . . e que ser valente é ter coragem de olhar para tudo isto!

